

NARRATIVAS VISUAIS: DIÁLOGOS ENTRE APRENDIZAGEM, IDENTIDADE E REMEMORAÇÃO

Roberto Lima Sales¹, Marcia Sepulveda do Vale², Maria Eduarda Rocha Sousa Oliveira³, Maycon Porto dos Santos⁴

¹Mestre em Educação pela UnB e Professor no Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <betorls@ifto.edu.br>

²Mestre em Língua e Literatura e Professora no Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <marcia.vale@ifto.edu.br>

³Discente da 3ª série do ensino médio integrado em agroindústria do Instituto Federal do Tocantins. e-mail: madupadua30@gmail.com

⁴Discente do 4º período de Sistemas da Informação do Instituto Federal do Tocantins. e-mail: <mayconporto10@gmail.com>

Resumo: Esse estudo objetivou compreender e evidenciar as potencialidades educacionais do projeto de extensão, intitulado "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", vinculado ao IFTO - Campus Paraíso do Tocantins. Desde sua implantação, o referido projeto parte de uma ação interdisciplinar, nos bairros periféricos da cidade de Paraíso do Tocantins - TO, com o intuito de ampliar a aproximação entre estudantes, escola e comunidade para, assim, promover uma prática pedagógica de ensinar e de aprender por meio do diálogo entre gerações, tendo a arte visual, a memória coletiva e o espaço urbano como mediadores. Esse projeto de extensão procurou capacitar, estimular e provocar os participantes a produzirem obras artísticas que dialogam com as memórias individuais e coletivas do seu contexto social, de forma que os saberes e as experiências da comunidade, em especial, os dos mais velhos, possam ser reconhecidos e incorporados aos dos jovens estudantes, procurando produzir novos saberes e incluir esses estudantes e sua escola no cerne do processo de enraizamento e pertencimento de sua comunidade. Diante desta perspectiva, a prática educativa desta investigação constituiu-se nas perspectivas do diálogo-problematizador de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b). Enquanto que o estudo da memória parte das fundamentações de Halbwachs (2004), em referência a memória coletiva, e dos estudos de Nora (1993), no tocante aos lugares de memória. Já a relação entre arte, memória e espaço urbano, articulada nesta pesquisa, toma como base teórico-metodológica as perspectivas de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b) à luz da sua concepção de que a memória constitui-se de um passado atualizado como experiência, tendo a estética e a poética como mediadoras. A metodologia desta pesquisa organizou-se a partir de um estudo exploratório de natureza qualitativa, tendo como lócus da pesquisa o espaço urbano e como sujeitos investigados jovens, em situações de vulnerabilidade social, que frequentam o ensino médio, no IFTO - Campus Paraíso, e alguns cidadãos membros da comunidade. Os dados investigados foram obtidos a partir dos enunciados extraídos de interações em oficinas artísticas, em rodas de conversas e em demais práticas da pesquisa de campo. As produções visuais e as narrativas textuais, orais e visuais por elas evocadas também constituíram-se como fontes para a investigação. Os resultados parciais dessa pesquisa apontam que a metodologia do Projeto de Extensão investigado está possibilitando que, gradativamente, os estudantes participantes tornem-se capazes de (re)significar e (re)escrever a história do seu próprio tempo e espaço, ao passo em que aprendem e ensinam criticamente, articulando o passado no novo, um passado atualizado como experiência, o qual se revela não como monumentalização do tempo, mas como revitalização, dignificação e humanização da memória. Em suma, evidencia-se novos caminhos metodológicos que podem contribuir para uma educação interdisciplinar para/pela memória que se destaque como desveladora das tramas sociais.

Palavras-chave: Artes Visuais, Memória Coletiva, Narrativa, Comunidade, Identidade

1 INTRODUÇÃO

Objetivou-se, neste estudo, compreender e evidenciar as potencialidades educacionais do projeto de extensão à comunidade, intitulado "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", vinculado ao IFTO - Campus Paraíso do Tocantins. Esse estudo caracterizou-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo como estudo de caso o projeto de extensão supracitado. Como público-alvo, foram selecio-

nados alguns estudantes participantes do projeto, oriundos do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Campus Paraíso do Tocantins do IFTO. Alguns membros da comunidade e professores, participantes do projeto de extensão, também atuaram como participantes desta pesquisa.

Em relação ao Projeto de extensão "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", vale destacar que trata-se de um projeto, coordenado pelo professor Roberto Lima Sales, que procura estabelecer redes de conexões entre a escola e a comunidade, para, assim, trabalhar um conjunto de ações que visam ampliar o ingresso da arte nas comunidades mais carentes. Tal projeto foi implantado como atividade de extensão em março de 2016, tendo como objetivo geral ampliar a aproximação entre estudantes, escola e comunidade para, assim, promover uma prática pedagógica de ensinar e de aprender por meio do diálogo entre gerações, tendo a arte visual, a memória coletiva e o espaço urbano como mediadores. Esse projeto procurou capacitar, estimular e provocar os jovens participantes a produzirem obras artísticas que dialogam com suas memórias individuais, com a memória coletiva de sua comunidade, com o espaço urbano e com o cotidiano, ao mesmo tempo em que tentam responder, refletir e materializar plasticamente as seguintes questões: "Quem sou eu?", "Onde estou?", "Qual é o meu lugar?", "Eu o conheço?", "O que de especial tem em meu lugar e nas memórias de minha comunidade?", "Como eu percebo meu espaço e minhas memórias?".

O referido projeto de extensão parte da estratégia pedagógica de apropriar-se de narrativas visuais enquanto materialidade plástica e recurso capaz de evocar memórias e possibilitar leituras críticas de uma realidade histórica de uma dada comunidade. A proposta do projeto consiste em envolver estudantes com o cotidiano da vida de alguns membros de sua comunidade, de forma a provocar esses jovens a estabelecer uma maior interação e uma significativa troca de saberes e de experiências, para que, assim, fosse possível ampliar suas percepções em relação a sua realidade local e de mundo, bem como ampliar suas competências e habilidades em relação à aprendizagem de artes, de linguística, de história, de geografia, dentre outras disciplinas.

Diante desta perspectiva, a prática educativa desta investigação constituiu-se nas perspectivas do diálogo-problematizador de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b). Enquanto que, o estudo da memória parte das fundamentações de Halbwachs (2004), em referência a memória coletiva, e dos estudos de Nora (1993), no tocante aos lugares de memória. Já a relação entre arte, memória e espaço urbano, articulada nessa pesquisa, toma como base teórico-metodológica as perspectivas de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b) à luz da sua concepção de que a memória constitui-se de um passado atualizado como experiência, tendo a estética e a poética como mediadoras.

2 OBJETIVOS

Objetivou-se, neste estudo, compreender e evidenciar as potencialidades educacionais do projeto de extensão à comunidade, intitulado "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", vinculado ao IFTO - Campus Paraíso do Tocantins.

3 JUSTIFICATIVA

Para refletir sobre práticas inovadoras de educação numa perspectiva mais libertadora, autônoma e dialógica para o ensino interdisciplinar, buscamos suporte nos estudos de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b), o qual propõe a educação como meio de liberdade em que o professor e o estudante são os autores do processo de ensino e aprendizagem, e não meros sujeitos aptos e programados para reproduzir e consumir. Freire sempre trabalhou para uma educação como prática da liberdade. Seus estudos fundamentam-se numa perspectiva pedagógica libertadora e problematizadora, em contraposição a educação bancária, partindo de uma educação aberta, voltada para a valorização dos saberes individuais e coletivos em diálogo com a realidade social.

Nessa ótica, o autor aponta e reforça a necessidade do exercício da cooperação, compartilhamento e autonomia no processo ensino-aprendizagem. Para ele, "ensinar não é transmitir conhecimento, mas permitir que o educando construa seu próprio saber. Essa é a tarefa de todo educador" (FREIRE, 1996, p. 47). A educação para o diálogo deve ser impactante para os envolvidos. Assim, é essencial que seja mediada de forma problematizadora. Nesse sentido, é importante destacar que problematizar é exercer uma análise crítica sobre a realidade-problema (FREIRE, 2011b. p. 229). Nessa com-

preensão, Freire (2011b) defende que: - a educação deve ser dialógica e problematizadora para que se tenha significado; - e que ser um sujeito crítico, autônomo e livre “implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também como a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2011b, p.98).

Em suma, Freire (2011a, 2011b) defende uma proposta de pedagogia libertadora que assume o sujeito como o protagonista de sua própria história e de sua emancipação, na medida em que a educação torna-se problematizadora ao ponto de romper os obstáculos que impedem os sujeitos oprimidos de compreenderem sua realidade vivida e de se libertarem. Segundo Freire (2011b), a superação dessa situação se faz pela conscientização histórica do sujeito, o qual torna-se capaz de reconhecer e ampliar sua existência histórica, estabelecendo, dessa forma, uma relação dialógica com o outro e com o mundo. Logo, a concepção de práxis de Freire vai além da aplicação de conhecimentos práticos para orientar a promoção da reflexão, da ação e da transformação do sujeito e de sua realidade histórica, pois, trata-se de uma “práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2011b, p.108).

Em consonância com a perspectiva pedagógica libertadora e problematizadora de Freire (2011a, 2011b), anteriormente discutida, temos as perspectivas de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b) que propõe o repensar crítico de valores ideológicos de forma a revisitar nossas memórias e resgatar do esquecimento os valores que podem fazer de nossa história uma outra história capaz de nos levar ao encontro com nossas verdades. Nesse sentido, os fragmentos de memória evocados podem trazer a tona um passado que a história oficial enterrou, para que dessa forma seja celebrado os feitos dos sujeitos oprimidos, em contraposição a glorificação da vitória dos vencedores sobre a tradição dos vencidos. Benjamin (1993a, 1993b) tece essas reflexões ao mesmo tempo em que propõe um novo caminho para a reconstrução da história por meio de uma narrativa "a contrapelo", do ponto de vista dos vencidos e em oposição a ideologia do vencedor.

Benjamin (1984, 1993a, 1993b) busca outra relação entre passado e presente, que rompe com a história linear. Para isso propõe outra interpretação da história em contraposição a leitura contemplativa do passado, para que se possa compreender o passado como um vínculo entre cidadãos que se conectam por gerações, ou seja, um passado que se atualiza como experiência no "agora", que apresentase como memória evocada, uma espécie de palimpsesto no qual se inscreve as marcas de escritas anteriores.

Benjamin (1984, 1993a, 1993b) compreendeu que na época moderna prevalece a ideologia alicerçada pelo capitalismo, a qual instala um processo de individualização do sujeito e quebra das relações interpessoais. Esse fenômeno contribui para a dissolução dos vínculos familiares, para o empobrecimento de experiências coletivas dos indivíduos e para a atrofia da capacidade de comunicá-las em forma de narrativas. Como consequência, a sociedade está perdendo sua capacidade de ensinar valores morais por meio do intercâmbio de experiências. Os indivíduos tornam-se cada vez mais alheios aos seus valores tradicionais, ao ponto de substituí-los por relações comerciais e por bens materiais. E, assim, os cidadãos mais antigos não encontram mais espaços e oportunidades para contar as histórias dos seus feitos e, dessa forma, transmitir seus conselhos, suas experiências e seus ensinamentos às novas gerações.

Diante desta problemática, Benjamin (1984, 1993a, 1993b) adota o espaço urbano como cenário para refletir e apontar caminhos para a recuperação dos sentidos na modernidade. Em sua compreensão, o espaço urbano é o lugar de entrecruzamento entre a fluidez e a rapidez, entre as tradições e as culturas, onde o sujeito pode assumir o protagonismo de sua vida. Para isso, Benjamin concebe a narrativa como um ato de "narrar o tempo", de forma a explorar um tempo denso e descontínuo de uma historicidade que não pertence ao tempo homogêneo e vazio. E para isso, é imprescindível o intercâmbio entre os tempos e espaços do narrador e seus ouvintes, de modo a entrelaçar vidas a partir de conexões entre passado, presente e futuro.

Benjamin (1993a, 1993b) procura unir o poder da narrativa ao potencial crítico da arte. Ele sugere a politização da arte como forma de contribuir para formação de uma consciência revolucionária e para a elaboração de novas realidades. Este filósofo afirma que a arte pode cristalizar o tempo de forma não-linear e desvinculá-lo do poder do capital para assim confrontar o passado oprimido e res-

significá-lo em um presente inovador e um futuro onde seja possível formar uma sociedade mais humana, solidária e livre.

Vale ressaltar que, com base nas perspectivas de Benjamin (1984, 1993a, 1993b), o projeto de extensão, explorado nessa pesquisa, trabalha com o termo "Narrativas visuais" para expressar as obras artístico-visuais que foram produzidas em autoria coletiva (envolvendo estudantes, professores e membros de sua comunidade). Desse modo, todos os autores das obras artísticas atuam como protagonistas, criando obras inspiradas nas histórias de vida, nas histórias dos espaços urbanos da cidade, nas percepções e nas interpretações de memórias evocadas por meio de lugares, de fotografias de acervos pessoais e demais objetos de guardados pessoais. Destaca-se, que as produções das narrativas visuais foram fundamentadas pelo método da montagem de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b), que, segundo o qual, toma-se como base as técnicas de bricolagem das vanguardas artísticas, das primeiras décadas do século XX, para propor uma nova forma de narrar por meio de fragmentos de imagens que transitam entre memórias, realidade e imaginário, justaponto tempos e espaços para produzir novas experiências e percepções críticas da sociedade. Sob esta perspectiva, o tempo pode ser lido por meio de montagens e de imagens não-lineares e não-cronológicas. Neste aspecto, a arte apresenta-se como recurso potente para retermos o tempo e vislumbrarmos modelos alternativos, capazes de romper com a representação progressivo-linear que captura e domina o sujeito na homogeneidade espaço-temporal.

Com base no que foi discutido até o momento, percebe-se a importância do papel da memória na construção e na afirmação das identidades coletivas e no poder de influenciar a recuperação de valores tradicionais, morais, humanos e afetivos de uma comunidade. Nesse aspecto, compreende-se a importância de tecermos uma breve reflexão sobre a concepção de memória.

Conforme Lemos (2004), "a inteligência individual não existe", isto se deve ao fato de que a inteligência do indivíduo é constituída pelos diversos dispositivos de cognição e por influências mútuas, resultantes de suas práticas sociais. Em complemento, Robredo (2003) afirma que a conversão do conhecimento é um processo social entre indivíduos e não confinado dentro de um indivíduo. Neste caso, como pensamos por associação, nossa memória não é construída individualmente. Em nossa mente funciona uma rede de pensamentos, que interligam as lembranças, que se entrecruzam e que são recuperados de acordo com as ideologias e o entorno social em que o indivíduo está inserido no momento em que precisa recuperar alguma informação.

As lembranças, portanto, não são formadas individualmente, visto que é "impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos de memória" (HALBWACHS, 2004, p. 10). As lembranças de um indivíduo sempre estão ligadas a uma relação com o seu grupo social, não existem fora dele. (HALBWACHS, 2004).

Segundo Gondar (2006), somente no século XIX é que se admite cientificamente que a memória não se reduz à pura e simples verdade do que passou, ela é constituída a partir das relações sociais. Minhas lembranças dependem de uma lembrança alheia. Este apoio na memória do outro confere maior exatidão as informações que recuperamos. (HALBWACHS, 2004). Para Halbwachs (2004), a memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista varia de acordo com as relações que cada indivíduo estabelece com os outros e com os meios. Somos inspirados por outros indivíduos, por outros grupos, por jornais, revistas, ou livros.

"A memória está presente em tudo e em todos" (SEPÚLVEDA, 2003, p. 25), não é só pensamento, imaginação e construção social, é também experiência de vida que transforma outras experiências. Na contemporaneidade, rememorar é um processo de interação e negociação intercultural. Novos sentidos e visualidades culturais são construídos a partir do entrelaçamento de culturas, em suas dimensões locais e globais. Em decorrência, a história pessoal, coletiva e cultural do sujeito está inscrita em si próprio e está marcada em seu acervo de relações no espaço/tempo.

Portanto, somos seres sócio-históricos providos de experiências reais. Essas experiências podem se constituir de forma material ou por meio das relações sócio-históricas que se processam no lugar, numa espécie de troca entre as pessoas e o espaço, onde tais experiências podem ser incorporadas como memórias. Nesse sentido, segundo Nora (1993), o passado e suas memórias se mantêm vivos na cultura e no cotidiano dos lugares, os quais constituem-se em uma das aderências que fortalece o elo

entre sujeitos, famílias e grupos sociais. Consequentemente, a vivência no lugar forma diversas memórias coletivas, dando-lhes ancoragem no tempo e no espaço. E como diz Halbwachs (2004), "não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial". (HALBWACHS, 2004, p. 143).

Nesta perspectiva, a essência poética dos lugares de memória está justamente no que pode haver de continuidade na experiência que ocorre diante do avanço espaço-temporal e que pode ser evocada pela arte. Logo, o artista pode apreender sua produção não somente pela escala estética, mas também pela escala social, espacial e histórica, por via de uma autoria coletiva.

4 METODOLOGIA DE TRABALHO

4.1 Método

A metodologia desta pesquisa organizou-se a partir de um estudo exploratório de natureza qualitativa, utilizando o estudo de caso como técnica de pesquisa. Gil (2008) afirma que o estudo de caso procura explicitar melhor a complexidade de um problema, e utiliza para isto, métodos específicos e versáteis. Compreendendo: levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiência e observação informal.

Para a análise dos dados manteve-se um diálogo com os fundamentos da perspectiva de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b), de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b) e de Halbwachs (2004).

4.2 Instrumentos de pesquisa

Para a coleta de dados definiu-se instrumentos que atendessem ao contexto da pesquisa. Nesse sentido, conforme as perspectivas de investigação de Triviños (1987) e Afonso & Abade (2008, p. 19), elegeu-se os seguintes instrumentos: diário de campo e roda de conversa.

3.3 Coleta de dados

Os dados investigados foram obtidos a partir dos enunciados extraídos de interações em oficinas artísticas, em rodas de conversas e em demais práticas da pesquisa de campo. As produções visuais e as narrativas textuais, orais e visuais por elas evocadas também constituíram-se como fontes para a investigação.

3.4 Público-Alvo

Jovens estudantes, em situações de vulnerabilidade social, que frequentam o ensino médio integrado ao ensino técnico, no IFTO - Campus Paraíso, e alguns cidadãos membros da comunidade.

3.5 Trabalho de Campo

Avançamos neste estudo motivados pela possibilidade de educar para/pela memória. Com este propósito tentamos sensibilizar os educandos a estabelecer uma ponte entre a realidade escolar e a comunitária, tornando a história, a arte e o espaço urbano mais próxima de suas realidades, por meio do conhecimento e da valorização da herança cultural e dos saberes locais dos velhos moradores. E para que esta ação fosse capaz de "tocar" a memória e passar a vigorar no cotidiano da comunidade escolar foi fundamental a participação ativa de alguns dos cidadãos, em especial os velhos narradores, pioneiros da cidade e guardiões de memórias locais.

Para a análise dessa proposta realizamos uma prática pedagógica de produção, compartilhamento e troca de narrativas imagéticas e orais, que se estruturou na promoção e validação de 06 oficinas, com duração total de 12 horas. Onde, 16 (dezesesseis) estudantes foram capacitados em produções fotográficas, em desenhos e pinturas com ênfase em montagens e bricolagens, bem como em operar o software de edição de imagens Photoshop CS6. Além disso, os estudantes também participaram de oficinas teóricas que abordaram a relação entre arte, memória e espaço geográfico, à luz dos principais teóricos desse estudo (Freire, Benjamin e Halbwachs).

Para a execução do projeto de extensão, adotou-se o espaço urbano como lócus da prática pedagógica e da pesquisa. E, em alusão a metáfora do flâneur de Walter Benjamin, os estudantes partiram na aventura de "perambular" pela cidade e colecionar imagens e fragmentos de memórias, como estratégia para se inserirem e se apropriarem da dinâmica urbana da cidade moderna, e, assim, rememorar numa espécie de bricolagem/montagem de imagens que não lhes pertencem, mas que gradativamente passam a constituir os seus acervos de imagens que constituem suas memórias.

Com esta meta, o estudo se organizou nas seguintes etapas: 1 - capacitação dos estudantes participantes e estudos da teoria que fundamentou o experimento pedagógico; 2 - promoção de diálogo

gos e interações dialógicas entre os estudantes e a sua comunidade no intuito de fortalecer o elo afetivo e buscar desvelar memórias e lembranças individuais e coletivas. O que resultou em interações intensas entre estudantes e comunidade, bem como, foi possível compartilhar ricas narrativas orais e fotografias cedidas pelos membros da comunidade; 3 – realização de uma oficina para os estudantes no intuito de promover: a sistematização do material coletado, a definição dos temas e das categorias, e o planejamento da produção das narrativas visuais; 4 – participação dos estudantes em estudos e debates via ferramentas virtuais (redes sociais, fóruns e FAQs); 5 – envolvimento dos estudantes e dos narradores colaboradores na elaboração de ideias, de estratégias e da produção coletiva de narrativas visuais, via encontros presenciais ou virtuais; 6 – promoção de oficinas para os estudantes no intuito de realizar a leitura crítica e a ressignificação das obras elaboradas, bem como o compartilhamento e a exposição das obras para a comunidade; 7 – análise de impacto da experiência pedagógica por parte dos estudantes e dos membros da comunidade envolvidos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a análise que se segue, escolhemos investigar uma produção de obras visuais realizada pelos estudantes/artistas participantes dessa pesquisa que culminou na promoção da exposição "Contos de Zequinha de Moraes", de autoria de Marcelo, Vinicius, Cláudio e Lia (2019) (figura 1).

Figura 1 – Exposição "Contos de Zequinha de Moraes" de autoria de Marcelo, Vinicius, Cláudio e Lia (2019)



Fonte: acervo do projeto Narrativas Visuais (2019).

Estas obras apresentadas na supracitada exposição (figura 1) foram produzidas em homenagem a história e ao legado do comunicador, cerimonialista e radialista Zequinha de Moraes, um dos grandes guardiões de memória da comunidade de Paraíso do Tocantins e também pioneiro na fundação do rádio e comunicação da cidade. Zequinha também é um dos escritores e artista da cidade que foi responsável por idealizar muitas das identidades visuais que hoje tornaram símbolos oficiais da cidade.

Enfatiza-se que todas as obras visuais, produzidas nesta exposição, incorporaram as múltiplas vozes de pessoas da comunidade que contaram as histórias de Zequinha de Moraes. E em meio as narrativas das histórias de Zequinha, outras diversas histórias de vida também eram narradas, bem como as histórias sobre a fundação da comunicação e rádio de Paraíso do Tocantins. Nesse sentido, à luz da perspectiva de Benjamin (1984, 1993a, 1993b) e Freire (2011a, 2011b), seguiu-se na construção de outra história, que não se constitui apenas por fatos, mas que se forma também por cidadãos capazes de escre-

ver sua própria história.

Nesse sentido, as obras visuais supracitadas são consideradas por nós uma amostra de muitas outras obras visuais (produzidas pelos estudantes) que constituíram-se como narrativas visuais repletas de discursos (construtores de uma nova história) que apossam de um mesmo espaço urbano para revelar as diversas histórias e fragmentos de memórias, de tempos e de espaços distintos, que residem em cada sujeito. Os muitos "Zequinhas" do imaginário coletivo se concretizaram em narrativas visuais e orais que procuram colocar em debate a forma como os velhos radialistas da cidade construíram os valores identitários, históricos e culturais da comunicação paraense.

Nesse sentido, ressalta-se que grande parte das memórias e das histórias de Zequinha de Moraes, foram evocadas por meio das lembranças do tempo de muitos outros radialistas, comunicadores e músicos da cidade. Tais lembranças constituíram-se num trabalho de autoria coletiva que se processou na interação dialógica, na troca de narrativas e no entrelaçamento de sentidos. Neste processo, pensamentos são conectados, lembranças são relacionadas e recuperadas de acordo com o contexto e com a interação interpessoal, e assim percebemos que as lembranças não são formadas individualmente, dependem da interação com lembranças alheias (HALBWACHS, 2004). É neste sentido que a imagem, enquanto instância de uma interação social, "revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica". (LE GOOF, 2003, p. 466)

Os estudantes ensaiam uma nova forma de narrar que se traduz como uma escrita imagética e afetiva que se inscreve na descontinuidade do tempo e nas lacunas da história do povo. O espaço do narrar constitui-se para os estudantes como modos de ser, de fazer e de criar em meio à escuta e a um mergulho sensível no passado em busca do não percebido e, talvez, do não experimentado. E assim, os estudantes narraram se deixando levar pelos fluxos de memórias e de sentidos, numa relação sensível com os personagens da comunicação e com o seu outro, onde foi possível escutar as vozes que neles pulsam, tencionando a história dos comunicadores dessa cidade, dos seus feitos e dos seus lugares de memória, que aparentemente encontravam em um estado de silêncio.

Como resultado, os estudantes artistas contemplaram, interpretaram e captaram a história da comunicação da cidade de Paraíso do Tocantins pelo viés da memória de um grande pioneiro/guardião, Zequinha de Moraes, para depois desenhá-la, pintá-la e identificá-la com um certo olhar e um certo imaginário. Sendo assim, as obras visuais produzidas por estes artistas estão vinculadas ao real e ao seu imaginário e evocam um determinado espaço, ao mesmo tempo, em que permitem decodificar este mesmo espaço em representações narradas.

Sob esta perspectiva, os artistas somente conseguiram encontrar sentido nesta experiência quando suas imaginações e suas percepções entrelaçaram os sentidos do visível e do não visível para interpretá-los e expressá-los na obra artística, a qual torna-se uma arte que é de todos, e por assim ser, amplia-se sua capacidade de interagir, dialogar, estimular, provocar e sofrer interferências e mutações por parte de todos seus criadores. A arte foi além da expressão, para seguir na direção de outras possibilidades, adquirindo potência para evocar e dialogar com memórias e sentidos que permeiam e explicam modos de ser e de viver de estudantes e de suas comunidades.

Evidencia-se, assim, a relevância de um processo de arte-educação que se faz contextualizado e interdisciplinar, em meio a autoria coletiva dos seus protagonistas (estudantes, professores e comunidade), os quais incorporaram na obra de arte os seus múltiplos olhares e significados que procuraram celebrar a sensibilidade da memória tal como ela se encontra, como um mosaico, ou um texto escrito por muitos autores, no qual diferentes sentidos, lembranças e vivências tem o seu espaço e importância.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, constatou-se que os resultados que estão sendo adquiridos no projeto de extensão supra analisado alimentam a esperança de que é possível que a arte visual, a memória e o espaço comunitário se façam presentes nas estratégias educacionais e interdisciplinares, dialogando com os saberes formais e informais que permeiam a escola e a comunidade. Como foi exposto nesse trabalho, o referido projeto procurou capacitar, estimular e provocar os participantes a produzirem obras artísticas que fos-

sem capazes de dialogar com as memórias individuais e coletivas do seu contexto social, para assim reconstituir suas vivências e expressar sentidos, desejos e frustrações em relação a suas vidas em plena relação com a cidade e a sua espacialidade urbana. Toda essa articulação pedagógica envolve os saberes e experiências dos mais velhos e de suas gerações passadas no intuito de dar-lhes reconhecimento e ampla disseminação, segundo um movimento em que os jovens estudantes se apropriam desses valores educacionais não-formais no intuito de incorporá-los aos seus próprios saberes e experiências, procurando produzir novos conhecimentos e incluindo a si próprios e sua escola no cerne do processo de enraizamento e pertencimento de sua comunidade.

Logo, a essência deste trabalho é de uma narrativa visual e espaço-temporal que estimulou e provocou sujeitos a formar um imaginário em que foi possível criar narrativas próprias de um passado atualizado como experiência, capaz de aproximar o sujeito histórico de sua real origem. Em suma, evidenciou-se novos caminhos metodológicos que podem contribuir para uma educação interdisciplinar para/pela memória que se constitua em meio a uma ação na comunidade, essencialmente artística, histórica, cultural e humana e que se destaque como desveladora das tramas sociais.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
_____. **Obras escolhidas I: magia e técnica; arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993a.

_____. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1993b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Storia dell'arte e anacronismo delle immagini**. Torino: Bollati Borghieri, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática para a liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011b.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6 ed., São Paulo: Atlas, 2008.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa. 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HOLZER, Werther. Memórias de Viajantes: Paisagens e Lugares de Um Mundo Novo. **GEOgraphia** (UFF), Niterói, v. 2, n. 3, p. 111-122, 2000.

LE MOS, André. Cibercultura e identidade cultural: em direção a uma cultura copyleft? **Contemporânea**, v.2, n.2, p.9-22, Dez. 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 2003. p. 7-28.



ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

SEPÚLVEDA, Myrian dos Santos. **Memória coletiva teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

TRIVIÑOS, A. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação; o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.